

MEDIDAS DE SEGURANÇA SANITÁRIAS

Caros espectadores, devido às medidas de segurança sanitárias, o acesso a todas as salas do Festival far-se-á mediante o cumprimento das seguintes regras, para cujo cumprimento apelamos.

1. Nos espaços com área de acolhimento reduzida, a entrada só poderá fazer-se na altura de abertura das portas das salas. Deverão pois esperar no exterior a abertura de portas.
2. Nos restantes espaços, e de forma a não ultrapassar a lotação permitida no bar ou no foyer, apelamos a que a permanência se limite ao estritamente necessário.
3. Agradecemos que sejam seguidas as normas de circulação sinalizadas, ou as que poderão ser indicadas pelos colaboradores que atendem ao bom funcionamento das salas.
4. Apelamos para que seja mantida a distância de segurança entre pessoas, e que todos desinfectem as mãos à entrada, e sempre que tal se justifique.
5. Deve ser respeitada a separação de cadeiras existente nas plateias.
6. O uso de máscara é obrigatório durante a permanência em espaços interiores.
7. A saída das salas deverá começar pela fila mais próxima da porta de saída.

O Festival garante a higienização de todos os espaços segundo as regras estabelecidas.

CÓDIGO QR DO PROGRAMA DO FESTIVAL DE ALMADA



38.º FESTIVAL de almada

Organização
Câmara Municipal de Almada
Companhia de Teatro de Almada

02-25 de Julho de 2021

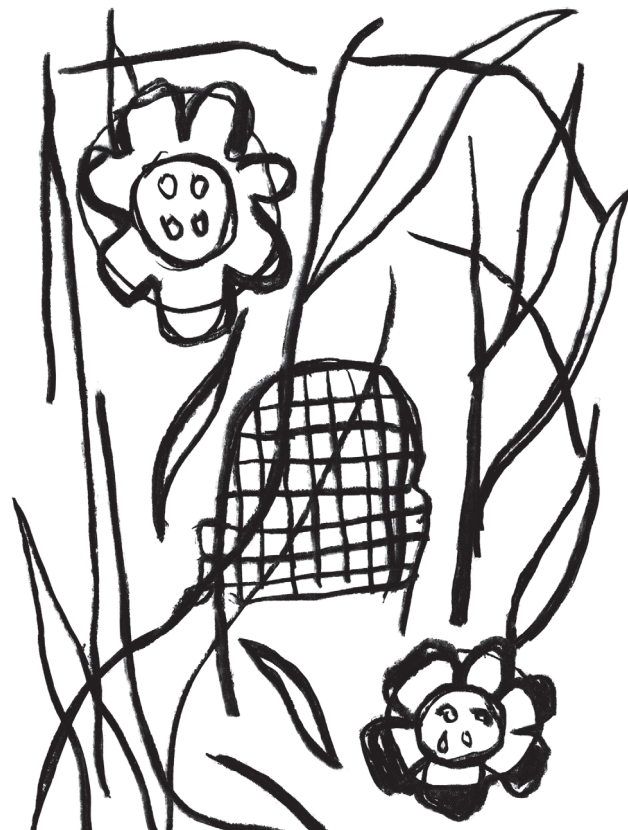


Imagem: Thomas Langley

Internationaal Theater Amsterdam (Holanda)

Who killed my father

Quem matou o meu pai

De Édouard Louis
Encenação de Ivo van Hove

Teatro Nacional D. Maria II (Lisboa)

Sala Garrett

Qui. **8** e Sex. **9** de Julho às **20h**

Sáb. **10** às **19h**

Duração: 85 min. • Classificação etária: M/12

Língua: Holandês legendado em português

FICHA ARTÍSTICA E TÉCNICA

Tradução e adaptação

Ivo van Hove

Interpretação

Hans Kesting

Cenografia e iluminação

Jan Versweyveld

Figurinos

An D’Huys

Música

George Dhauw

Produção

Inge Zeilinga

Edith Den Hamer (hoofd)

Direção técnica

Reyer Meeter

Texto português

Luísa Álvares

Co-produção

deSingel Antwerp

Co-apresentação

TNDMII/Festival de Almada

Agradecimento

Editora 20|20 (Chancela Elsinore)

Um ataque furioso às elites

O aclamado encenador belga Ivo van Hove adaptou para o palco, no Verão do ano passado, *Quem matou o meu pai*, do jovem autor-sensação francês Édouard Louis. Van Hove transformou o livro num longo monólogo, pensado para ser interpretado pelo fabuloso Hans Kesting. Para o encenador, estamos perante “uma história envolvente sobre um pai de apenas 50 anos mas já reduzido à ruína física e mental, após vários anos de trabalho árduo na indústria pesada, no Norte de França. Este texto consiste tanto numa acusação furiosa contra a elite política, como numa declaração de amor de um filho ao seu pai. O autor também escreve sobre como ele próprio, um jovem homossexual, foi ostracizado pela sua família de operários. Uma narrativa brilhante e sem papas na língua”.

Quem matou o meu pai, encharcado de raiva, foi escrito como uma carta ao pai, com ecos do célebre texto de Kafka. Édouard Louis inspirou-se numa visita que fez ao seu próprio pai após algum tempo de ausência, encontrando-o quase irreconhecível. O homem tinha adoecido e envelhecido prematuramente, como resultado de uma vida marcada pelo álcool, por um acidente de trabalho e pela pobreza. O autor constrói este relato para uma certa elite, para quem a política consiste sobretudo numa “questão estética”: pessoas que se dedicam a tomar medidas que praticamente não têm influência nas suas vidas. Mas as classes desfavorecidas, pelo contrário, são devastadas, por exemplo, quando lhes são cortados os subsídios sociais.

Segundo o semanário francês *L’Opinion*, o livro foi lido no Eliseu – a residência oficial do presidente francês. O diagnóstico de Louis encaixa-se perfeitamente na figura de Emmanuel Macron. “O meu livro é contra aquilo que o senhor é e o que se faz”, *twitou* o escritor ao presidente, acrescentando: “É para o desgraçar”.

«Nascestes numa família de seis ou sete irmãos. O teu pai trabalhava na fábrica, a tua mãe não trabalhava. Nunca haviam conhecido mais nada para além da pobreza. Não tenho quase mais nada a dizer sobre a tua infância. O teu pai tinha-se ido embora quando tu tinhas cinco anos. É uma história que eu conto muitas vezes. Uma manhã ele saiu para ir trabalhar na fábrica e à noite não voltou. A tua mãe, a minha avó, contava-me que tinha esperado, que em qualquer caso não havia mais nada que ela pudesse fazer, que tudo o que fez durante a primeira parte da sua vida foi esperar: “Eu tinha feito comida para ele comer à noite, ficámos como habitualmente à espera dele mas ele nunca mais voltou.” O teu pai bebia muito e nalguns serões, por causa do álcool, batia na tua mãe. Lançava mão dos pratos, de pequenos objectos, por vezes até mesmo de cadeiras, e manda-lhe isso tudo à cara antes de avançar na sua direcção para a esmurrar. Não sei se a tua mãe gritava ou se aguentava a dor em silêncio. Tu olhavas para eles sem poder fazer nada, impotente, fechado no teu corpo de criança.» | Excerto de *Qui a tué mon père*, **Édouard Louis** (Seuil, 2018)